



PRATO TÍPICO BRASILEIRO

**Racismo: o filho
saudável da
colonização**

A hierarquização de brancos sobre os não-brancos afetou (e ainda afeta) a vida de milhares de pessoas pelo mundo. Mas qual é o nosso papel nessa história? [p.10]



VOCÊ SABIA?

Você sabia que o nosso organismo possui um sistema conhecido como endocanabinoide, composto por receptores canabinoides e há produção endógena desses neurotransmissores, que atuam nos mesmos alvos que os canabinoides presentes na maconha? [p. 3]

ATUALIDADES EM SAÚDE

Avaliação de sintomas de estresse, depressivos e ansiosos em mulheres com filhos crianças e adolescentes durante a pandemia do Covid-19. [p. 7]

COMUNICAMDPO

Ano I - nº 2, setembro de 2020

CONTATO

jornaldocamdpo@gmail.com

EQUIPE EDITORIAL

Bruno Fernando de Oliveira (T3)

Heitor Yuri Nogara (T6)

Laura Ramires Silva (T6)

Leonan José de Oliveira Silva (T5)

Leonardo Siqueira Aprile Pires (T5)

Marcela Rodrigues Brandão (T6)

Maria Cecília Gonçalves Martins (T6)

CENTRO ACADÊMICO DE MEDICINA 'DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA'

E-mail: jornaldocamdpo@gmail.com

Instagram: @comunicamdpo

CURSO DE MEDICINA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS), CAMPUS DE TRÊS LAGOAS (CPTL)

www.cptl.ufms.br

Av. Ranulpho Marques Leal, 3484. Três
Lagoas (MS). CEP: 79620-080.

PERSONALIDADE HISTÓRICA

Oswaldo Gonçalves Cruz: por uma ciência mais brasileira

Nascido em São Luís do Paraitinga (São Paulo), em 5 de agosto de 1872, Oswaldo foi médico, bacteriologista, epidemiologista, cientista e sanitarista brasileiro. Filho de cariocas, formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 1892, tendo feito defesa da tese “A Veiculação Microbiana

pelas Águas”, a qual demonstra que decidiu se aprofundar em conhecimentos microbiológicos. Em 1896, casou-se com Emília da Fonseca. Trabalhou na Policlínica Geral do Rio de Janeiro até este mesmo ano, realizando, em seguida, estágio em Paris pelo Instituto Pasteur, onde estudou microbiologia, imunologia e soropatia.



Em 1899, retornou ao Brasil para auxiliar no combate, juntamente com Eduardo Chapot-Prévost, a um surto de peste bubônica nas cidades portuárias (a destacar Santos), voltando à Policlínica Geral, bem como assumindo a direção técnica do Instituto Soroterápico Federal (hoje Fundação Oswaldo Cruz), em 1902. Conseguiu reunir uma excelente equipe de jovens pesquisadores, com os quais fez a instituição atingir elevado nível como centro de fabricação de vacinas e de medicina experimental. Em seguida, foi nomeado Diretor-Geral da Saúde Pública, objetivando erradicar a febre amarela, a varíola e a peste bubônica do Rio de Janeiro, então capital nacional. Dessa maneira, empreendeu medidas como: isolamento de doentes; vacinação obrigatória; desinfecção de áreas em foco (brigadas de “mata-mosquitos”); notificação compulsória de casos positivos; bem como captura de vetores (ratos, por exemplo). Em virtude destas medidas, ganhou alta antipatia popular e da imprensa, que atingiu o ápice em 1904, com a chamada Revolta da Vacina (agravada pelo contexto de vacinação em massa e de caráter militarista).

Apesar disso, Cruz conseguiu reduzir os índices das três doenças ao longo dos anos na capital. Seus esforços em empreender combate às infecções renderam-lhe a medalha de ouro no 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, na Alemanha, em 1907. No ano de 1909, deixou a diretoria da Saúde Pública por motivos de estar doente. Em 1910, auxiliou na construção da Ferrovia Madeira-Mamoré ao combater os surtos de malária que estavam gerando numerosas baixas entre os operários, além de enfrentar uma epidemia de febre amarela no Pará. Assume, ainda, sua importância ao reformar o Código Sanitário (com regras internacionais), reestruturar órgãos nacionais de saúde e higiene, além de empreender levantamentos sobre condições no interior brasileiro.

Em 1913, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, no lugar de Raimundo Correia. No ano de 1916, tornou-se prefeito de Petrópolis (Rio de Janeiro), planejando um amplo programa de urbanização, mas renunciou em janeiro do ano seguinte, devido a complicações de seu quadro. Em 11 de fevereiro de 1917, veio a falecer por conta de uma insuficiência renal, na mesma Petrópolis.

Imagem: Oswaldo G. Cruz (1872-1917). Fonte: Wikimedia.

Heitor Yuri Nogara é aluno da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Personalidades históricas na Saúde”.



“Olá pessoal, como vocês estão? Meu nome é Rusllan Ribeiro, para quem ainda não me conhece e a convite do pessoal do Jornal do CA, estou aqui para contar um pouco da minha história durante e depois da faculdade. Sou egresso da turma 1, entrei em meados de 2014 e anteriormente já havia cursado um semestre em outra faculdade. Optei por Três Lagoas por diversos motivos, inclusive pela distância de minha cidade.

Por ser da primeira turma, foi necessário que muitas pessoas se dispusessem a fazer parte de tudo no começo, e como sempre gostei de ser parte de algo importante logo participei de tudo o que era possível, principalmente do meu maior sonho realizado, nossa querida Associação Atlética Acadêmica Medicina Três Lagoas, a nossa Soberana. No começo foi tudo um pouco difícil, mas tive ótimas pessoas ao meu lado e assim conseguimos erguer essa instituição maravilhosa, a qual amo infinitamente. Fui fundador e presidente pelos dois primeiros anos e, posteriormente, como vice-presidente. Algumas situações ocorreram e tive que me afastar da diretoria, mas sempre, até hoje, me mantive por perto, e espero que seja assim para sempre.

Abri mão de muitas coisas pela atlética e tudo valeu a pena, hoje me sinto realizado. Se vale uma dica é: faça parte dessa família, seja na diretoria, nas quadras ou nas arquibancadas, são

os melhores momentos da faculdade e, se eu fui feliz durante 6 anos, devo tudo a Atlética.

Além disso, também participei do CA por alguns períodos e me dediquei a alguns projetos de pesquisa durante a faculdade. Resumindo, participei de tudo, quase que ao mesmo tempo, foi uma loucura, mas deu tudo certo e sim, é possível.

Atualmente, formado, atuo no estado do Amapá, trabalho em 3 locais (estado, município e particular) na linha de frente do Covid-19. Foi algo muito rápido, uma reviravolta, mas vejo que tudo estava escrito e estou muito feliz no momento. Certamente enfrente muitas dificuldades, a formação nos prepara para diversas situações, mas só descobrimos se estamos prontos quando elas acontecem. Muitas vezes achei que não estava, contei com o apoio de meus colegas de trabalho e procurava também ajuda dos meus amigos de turma. Também passei, e passo, por situações muito delicadas, como óbitos de pacientes, algo infelizmente corriqueiro nessa pandemia. São momentos de angústia, algo que batalhamos para que não aconteça, são dias tristes. Cabe a nós - e vocês como futuros médicos - lutarmos sempre para que isso não aconteça, e quando perdermos essa luta, que sejamos fortes para apoiar aos que necessitam.

A vida do estudante e o sacerdócio da medicina longe de casa não é algo fácil, mas temos também dias felizes e situações que mostram que tudo vale a pena, todo sacrifício. Minha dica é: que vocês fiquem firmes, passamos por muitas situações difíceis, temos que lutar contra quem deveria nos ensinar, engolir seco situações absurdas, mas aguentem, no final vai valer a pena. Espero vocês em breve, lutem por nossa faculdade, lutem por nossa atlética, escrevam o nome de vocês nessa história, não sejam apenas mais um, façam a diferença. Caso queiram conversar, tirar dúvidas ou chamar para eventos esportivos de cunho científico, sabem onde me encontrar! Quando menos esperarem estarei por aí! Se cuidem!”

Imagem: cedida e autorizada pelo Rusllan Ribeiro.

Bruno Fernando de Oliveira é aluno da Turma III de Medicina e responsável pela coluna de “Ex-alunos da med”.

VOCÊ SABIA?

Você sabia que o nosso organismo possui um sistema conhecido como endocanabinoide, composto por receptores canabinoides e há produção endógena desses neurotransmissores, que atuam nos mesmos alvos que os canabinoides presentes na maconha?

Dois tipos de receptores canabinoides foram identificados até hoje: CB1, que são encontrados predominantemente no sistema nervoso central (SNC), tecido conjuntivo, gônadas,



glândulas e outros órgãos, e CB2, que são encontrados principalmente no sistema imunológico e suas estruturas. Estes são os receptores acoplados à proteína G mais presentes no SNC.

Fisiologicamente o sistema endocanabinoide participa, de forma ativa, da homeostase. De forma geral, ele regula processos fisiológicos como apetite, dor, processos inflamatórios, termorregulação, sensações, controle nervoso de contrações musculares, metabolismo, qualidade do sono, resposta ao estresse, motivação/recompensa, humor, memória, equilíbrio de energia e pressão intraocular. Apesar de produzirmos nossos próprios canabinoides, vários estudos começam a apontar que, em algumas patologias, pode haver disfunções nessa via de

transmissão. Esse tipo de observação reforça a ideia de que o uso de canabinoides exógenos pode ser vantajoso como estratégia terapêutica em algumas

situações. Nesse sentido, os fitocanabinoides são os compostos canabinoides encontrados principalmente nas espécies de planta do gênero *Cannabis*, conhecida popularmente como maconha, e seus principais exemplos, dentre os mais de 400 já identificados na *Cannabis*, são o canabidiol e o THC (Δ^9 -tetrahydrocannabinol). São eles, sobretudo, os principais focos dos estudos atuais para a avaliação do potencial terapêutico de canabinoides em diversas condições.

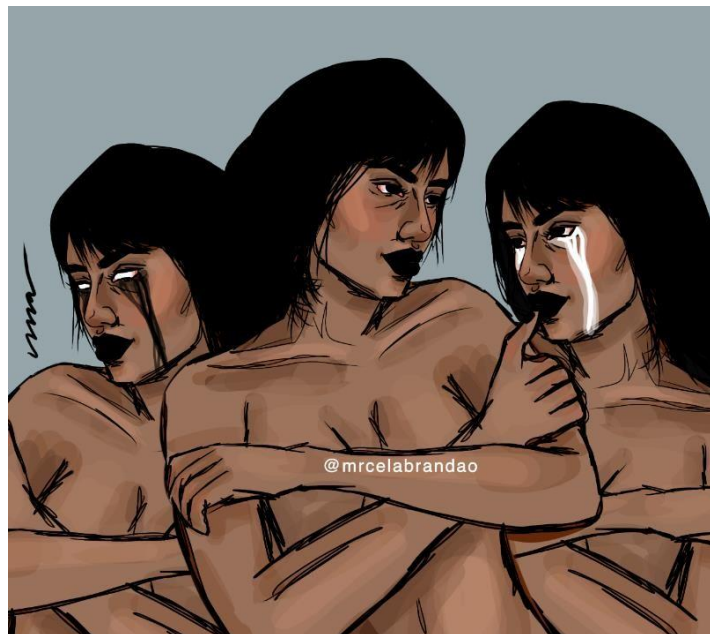
Atualmente, no nosso curso, o Professor Doutor Lucas Gazarini tem interesse nessa linha de pesquisa, em colaboração com os alunos Bruno Fernando de Oliveira e Júlia Name Colado Mariano (ambos da turma III). Entre os trabalhos já apresentados, dois deles foram premiados recentemente no III Simpósio de Saúde Mental realizado no nosso Campus, organizado pela Liga Acadêmica de Psiquiatria e Saúde Mental (LAPSM),

intitulados “O estigma do uso de canabinoides na psiquiatria”, em 3º lugar, e “O uso dos canabinoides na terapia do estresse pós-traumático”, em 2º lugar. Outros trabalhos estão em desenvolvimento, abordando a relação de alterações patológicas na transmissão endocanabinoide ou o uso de canabinoides em algumas condições clínicas, como autismo e epilepsia, com o objetivo de expandir ainda mais o conhecimento a respeito dessa classe de compostos. Com a estruturação dos laboratórios e consolidação do Campus, de maneira geral, trabalhos com enfoques mais práticos devem ser o próximo passo. Para saber mais entre em contato com o professor e/ou alunos participantes.

Imagem: SCIENCE PHOTO LIBRARY

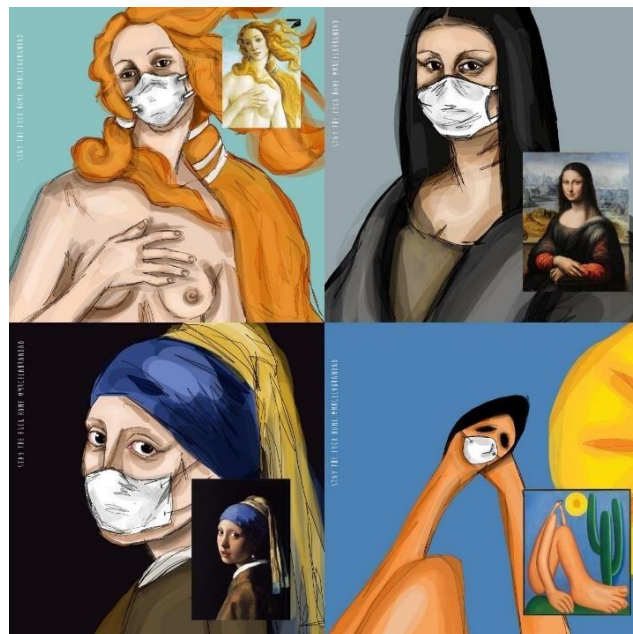
Maria Cecília Gonçalves Martins é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna “Você Sabia?!”

ARTE NA MED



“A arte foi meu bê-á-bá, literalmente não consigo pensar algum momento da minha vida em que desenhar não fosse uma certeza constante. Não se tratava de aprimorar competências requintadas ou técnicas profissionais, estava intrinsecamente comigo porque era meu principal meio de comunicação.

A filosofia já nos concedeu mil e uma justificativas sobre a razão da habilidade de se comunicar ser tão fundamental e se aquele site ordinário de frases está certo Schopenhauer disse uma vez: “Às vezes converso com os homens do mesmo jeito como as crianças conversam com seus bonecos: embora ele saiba que o boneco não a compreende.” Desse modo, para mim, mesmo silenciosa e passível de incompreensão, minha arte é a forma mais



pura e honesta de transmitir qualquer coisa para o mundo, é minha maneira natural de explicitar minhas ambições e loucuras, prudências e rebeldias, meus amores e ódios racionais ou mesquinhos, é como destrinchar manualmente tudo o que uma cabeça humana consegue carregar. Os desenhos me compõem como se cada um deles fosse uma imagem de partes minhas projetadas por um espelho, neles encontrei minha liberdade particular pela primeira vez.

E acredito que esse sentimento de libertação acompanhado de acalento seja algo procurado pela maioria de nós – algo que nos permita uma queda livre enquanto também ofereça a calma eminente. Desenhar me permite inventar meus próprios

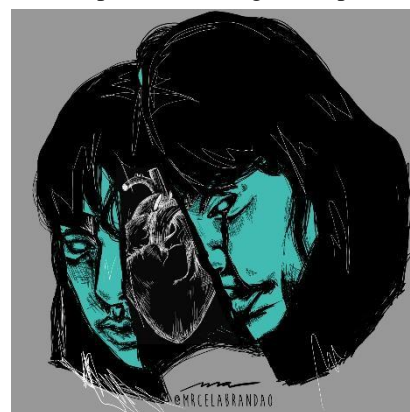
precipícios ou transfigurar os já existentes em meros rabiscos com os quais consigo lidar, me possibilita tatear belezas consideradas intocáveis e domar medos imperceptíveis. A arte me dá todas as asas que preciso com a garantia de um voo sem quedas, desde que me entendo por gente, saltei no mundo de mãos dadas com ela e não há pavor nesse movimento compartilhado, só paz, sossego e quietude.

Diante disso, meus fragmentos artísticos são não só o canal mais conveniente para me entender, como também a minha companhia perpétua pelas fases da vida, meu cumprimento de apresentação para qualquer um e minha despedida de realidades evitáveis. É o que está em tudo que penso, vejo, crio, destruo ou refaço, simplesmente porque minha arte sou eu. Logo, espero que, para os demais, seja um prazer conhecê-la.”

Marcela Rodrigues Brandão tem 19 anos e é aluna de medicina da Turma 6, da UFMS, Campus de Três Lagoas. A partir dessa edição, é membro integrante dos editores do jornal, sendo de sua autoria a capa dessa edição.

Imagens: cedidas e autorizadas pela Marcela Brandão.

Laura Ramires Silva é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Arte na med”.



QUEM SÃO OS NOSSOS DOCENTES?

Lucas Gazarini, 33 anos, nasceu em Cianorte/PR, mas passou a maior parte da vida em Maringá/PR. Formou-se em Farmácia pela universidade Estadual de Maringá (UEM) e se mudou para Florianópolis para fazer mestrado e doutorado, no Programa de Pós-graduação de Farmacologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Ficou lá por 6 anos, voltou a morar em Maringá enquanto se preparava para concursos e, antes de conseguir a vaga na UFMS/CPTL, foi professor temporário na Universidade Federal da Grande Dourados (Dourados/MS) por 6 meses.



Ao contrário do que pode parecer, Farmácia não foi a primeira opção de curso do professor Lucas. Por muito tempo, esteve convicto em fazer ciências biológicas, devido ao seu interesse em zoologia e botânica. No ensino médio, desencantou pelas ciências biológicas

porque viu que esse curso o levaria a tornar-se professor (*quem diria*), o que para sua timidez era inconcebível. Foi então que, analisando a base teórica de Farmácia, percebeu que o estudo de plantas medicinais e o desenvolvimento de fármacos possuía grande relação com o universo da botânica. O interessante foi que essa decisão pela farmácia foi apenas 6 meses antes do vestibular.

Provando que nossas ideias sempre são passíveis de mudanças, Lucas começou a fazer farmácia com o foco em se tornar responsável técnico de uma grande indústria farmacêutica. Como sabemos, esse interesse foi perdendo espaço para a carreira acadêmica, ao longo do curso, uma vez que as matérias relacionadas à pesquisa e à vida acadêmica eram muito mais atrativas para ele. No meio do curso, optou pela habilitação de Análises Clínicas em vez de Farmácia Industrial, direcionando seu aprendizado para uma carreira acadêmica, além de se tornar monitor no último ano do curso, visando preparar-se para a prova de mestrado. Lucas foi selecionado no final da graduação para o mestrado em Florianópolis, concluindo que se tivesse feito ciências biológicas poderia ter acabado “no mesmo lugar”.

A chegada até Três Lagoas também aconteceu naturalmente. Lucas já era professor temporário na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), cidade em que sua irmã morava na época. Ele já tinha a intenção de ficar no Mato Grosso do Sul (MS) por ser relativamente perto de Maringá e, então, coincidiu de abrir uma vaga para

farmacologia no Campus de Três Lagoas (CPTL) justamente no momento em que ele estava pronto. Embora já conhecesse algumas cidades do MS, conheceu a cidade de Três Lagoas apenas depois de ter passado no concurso.

Quanto a sua área de pesquisa, desde a graduação, trabalhou com pesquisas pré-clínicas, com roedores, focadas em farmacologia e neurociências. Seu foco é nos mecanismos neuroquímicos e fisiológicos de formação de memórias de medo, relacionados a vários transtornos psiquiátricos. O fato de não possuir na universidade um biotério revela-se um grande desafio para Lucas, desde sua chegada ao CPTL, já que limita as pesquisas com animais, setor em que possui maior experiência. Nesse sentido, tem adaptado suas pesquisas buscando superar essa dificuldade. Dentre elas, desenvolve junto de sua aluna de mestrado uma pesquisa que avalia o estresse pós-traumático em trabalhadores de atendimento pré-hospitalar, que estão expostos a traumas. Um outro projeto, que deve começar em breve, visa analisar os sintomas psicossomáticos relacionados ao estresse nos alunos de Medicina do CPTL, justamente para tentar encontrar “momentos” no curso que são foco maior de estresse. Além disso, desenvolve também pesquisas teóricas sobre o sistema endocanabinoide (mais informações sobre esse projeto são encontradas na coluna “Você sabia” na página 3). Para os alunos da área de biológicas, que tem interesse em desenvolver pesquisas com o professor Lucas, fica a dica que você terá maiores chances se a sua ideia estiver dentro dos

temas de maior domínio do professor, como os citados acima. Lucas acrescenta que, conforme os laboratórios do campus ficarem mais estruturados, mais grupos de pesquisas com diversas temáticas poderão ser formados.

Além de todo esse currículo rico e de suas grandes experiências em se descobrir na farmácia e na área acadêmica, o professor Lucas gosta muito de viagens e jogos. Durante sua pós-graduação, viajou para muitos países para apresentar seus resultados. É muito fã de games desde



pequeno (até disponibilizou seu nick @Lgazarini na PlayStation Network para quem quiser jogar com ele) e garante que

muito do seu inglês se deve aos jogos. Ademais, ainda gosta muito de plantas e de animais: possui uma cachorra e dois gatos e, *volta e meia*, cuida dos bichos e das plantas no campus. O professor Lucas é uma grande inspiração para os estudantes do campus, tanto academicamente, como quanto pessoa.

Imagens: cedidas e autorizadas por Lucas Gazarini.

Laura Ramires Silva é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Docentes da med”.

A SAÚDE NA VISÃO DOS PROFISSIONAIS DE TRÊS LAGOAS

Antônio Carlos Cavalcante Godoy, natural da cidade de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul, passou a sua infância em Campo Grande e adolescência em Cuiabá. É graduado em medicina pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), formado no ano de 2006. Realizou a residência médica em clínica médica pelo Hospital Universitário da UFMS (HUMAP) em Campo Grande e oncologia clínica no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto (HC-FMRP). Após a residência, iniciou o doutorado, que concluiu em 2018, também pela FMRP na área de neoplasias do Sistema Nervoso Central (SNC), estudando a área de glioblastoma multiforme.

Reside atualmente em Três Lagoas, principalmente devido à necessidade de se estabelecer em algum local onde a oncologia não seria ainda bem estabelecida e por ser uma cidade com potencial de crescimento. Nessa trajetória contou com alguns amigos e sócios, como o Dr. Rodrigo Melão, que também atua na saúde da cidade e é preceptor do internato do curso de medicina da UFMS de Três Lagoas. Durante a entrevista, relatou “não escolhi a oncologia, ela me escolheu”, isso porque antes da oncologia, Antônio tentou ingressar em anesthesiologia e também serviu o serviço militar obrigatório na Marinha do Brasil. Ao iniciar anesthesiologia, após 2 meses descobriu que não tinha perfil para a área, então desistiu da residência começou a atuar em ESF na cidade de Três lagoas e estudar para a residência, com a certeza de fazer clínica médica, porém, não tinha ainda certeza da subespecialização. Após excluir

alternativas que não se encaixavam em seu perfil, permaneceu a dúvida entre cursar a clínica médica e medicina intensiva. E então, após longas conversas com amigos da área da oncologia, decidiu por se especializar nessa área.

“Não escolhi a oncologia, ela me escolheu”

Antônio orienta os alunos para que façam medicina por amor. É uma grande ilusão fazer medicina por definição familiar ou para ganhar dinheiro. Lembra ainda que os tempos em que os médicos se apresentavam na sociedade com um “ar sacerdotal, em que éramos detentores do conhecimento absoluto e inquestionável, com salários exorbitantes, terminou há um bom tempo”. Hoje somos profissionais também submetidos às leis de mercado, sobretudo atualmente, com um crescimento grande das faculdades de medicina no Brasil. Acredita no poder do indivíduo, do esforço individual e não apenas fazer a faculdade focada na área em que já definiu como formação. Nesse contexto, exemplifica da seguinte forma: não é porque a pessoa quer ser ortopedista que não precisa saber bem de pediatria ou porque vai ser cirurgião que não precisa se dedicar à clínica. Fazer bem feito todos os estágios durante o curso são importantes para que se possa expandir o conhecimento.

Especificamente sobre a oncologia clínica (vale ressaltar que a oncologia é dividida em 3 grandes áreas: radio-oncologia, cirurgia oncológica e oncologia clínica), é uma área muito



disciplinar e que depende muito dos outros médicos e da equipe multidisciplinar (enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas e terapeutas ocupacionais). Então, se a pessoa não tem perfil para trabalhar em grupo, o melhor será não optar pela oncologia como especialização, pois essa carreira sempre dependerá de outros profissionais. É importante destacar que o oncologista não irá curar o paciente, na maior parte das vezes, mas, muitos serão confortados. Na oncologia o médico precisa olhar e entender o paciente como um todo: com olhar clínico, emocional e espiritual, tem que estar preparado para ser o médico em todos os sentidos e momentos. Vale ressaltar que a empatia precisa estar presente diariamente, tentando sempre se colocar no lugar do paciente e, ao mesmo tempo, preservar a sua própria saúde mental, para que não haja uma absorção emocional de forma demasiada. Os pacientes serão quase sempre muito vulneráveis, emotivos,

realmente sintomáticos. É uma especialidade de meio, diferente da cirurgia que quase sempre é uma especialidade de fim, com resultados confirmados.

Muitas vezes na oncologia o prognóstico é diferente do que se espera. Algumas vezes o prognóstico ruim é diferente de uma sobrevida maior apresentada pelo paciente, por exemplo. É uma especialidade de incertezas. A dica final é: antes de se decidir pela oncologia, é importante conversar com profissionais, acompanhar procedimentos e atendimentos oncológicos para confirmar se a área realmente te apetece como médico. No começo é bem difícil, muito desgastante, mas, é possível acostumar e enxergar as belezas da especialidade.

Para a formação em oncologia, atualmente não é restrita a poucas escolas como já foi antigamente. As melhores escolas ainda estão na região sudeste do Brasil, dentre elas, o INCA é um dos locais com a melhor formação em oncologia no Brasil, apesar de estar perdendo espaço devido à redução de repasse de verbas pelo governo federal. A melhor residência do Brasil atualmente é o ICESP (Instituto do Câncer do Estado de São Paulo), que é administrado pela USP de São Paulo. Outras residências de excelência também são encontradas no AC Camargo, que é uma escola de oncologia muito tradicional, o Hospital do Câncer de Barretos também é uma escola tradicional em cirurgia oncológica e vem crescendo muito na área de pesquisas e clínica oncológica. Já no setor privado, alguns hospitais de alto padrão, como Sírio Libanês e Albert Einstein, apresentam uma qualidade muito grande em formação oncológica, entretanto, o contato com o perfil de paciente não será o mesmo que o encontrado no dia a dia do SUS, por exemplo. Além do estado de São Paulo,

ótimas residências em oncologia serão possíveis principalmente no Estado do Rio Grande do Sul. Para finalizar, o médico deixa bem claro que quem faz a residência é o residente, então, é preciso empenho do aluno. Precisa-se da literatura disponível, do paciente (e a incidência de pacientes oncológicos está em elevação) e uma mínima estrutura com tomografia, ressonância e outros materiais para que seja feito um acompanhamento completo do paciente. No Mato Grosso do Sul existe apenas a opção de residência médica em oncologia cirúrgica no Hospital Alfredo Abrão, na cidade de Campo Grande.

Sobre o atendimento oncológico em Três Lagoas, o médico relata: acontece na área privada e no SUS. No SUS, com o maior volume, os pacientes são atendidos primeiro nos serviços primários de saúde, como ESF (Estratégia de Saúde da Família), ou na UPA (Unidade de Pronto Atendimento). O sistema básico possui algumas limitações, portanto, não é possível exigir que o paciente já chegue no especialista de oncologia com o diagnóstico fechado. Sendo assim, o paciente que é encaminhado para o serviço de oncologia, via regulação municipal, é aquele com alta suspeição (como o paciente com icterícia, perda ponderal, dor abdominal e massa na região da cabeça do pâncreas após exame de imagem). Então esse paciente entra rapidamente no serviço oncológico, assim como aqueles com confirmação do diagnóstico (como um nódulo de mama) ou também que já façam tratamento em outros serviços e precisem do suporte local do SUS.

Quanto aos planos de saúde, é comum chegar pacientes por demanda espontânea, como nos casos de pintas suspeitas pelos próprios pacientes, contudo, a maioria dos pacientes ainda são indicados por cirurgias oncológicas, que os encaminham para acompanhamento.

A respeito do momento atual, relacionado ao Covid-19, relata que acredita em mudanças antropológicas, sanitárias, filosóficas, sociológicas e religiosas pós-pandemia e que haverá uma mudança radical na sociedade. O atendimento oncológico sofreu algumas mudanças nesse período: inicialmente apenas os pacientes com necessidades de quimioterapia permaneceram em acompanhamento, ainda apenas para aqueles em que a quimioterapia trouxe benefícios imediatos ao paciente. As cirurgias cujo câncer era avançado, seja por sintomatologia importante ou por chances evidentes de cura e risco de progressão caso a cirurgia não fosse realizada, também foram eleitos para a realização dos devidos procedimentos. Os pacientes de seguimento, como os curados, foram afastados do serviço, assim como aqueles que realizam a hormonioterapia, a checagem foi feita prioritariamente online. As medidas comuns para conter a disseminação do vírus, como distanciamento social, uso de máscaras continuamente e higienização das mãos com álcool em gel, foram devidamente adotadas. Devido ao prolongamento da pandemia, alguns pacientes não puderam mais aguardar, nesse caso os atendimentos precisaram ser readaptados. Devido ao período sem atendimento, observou-se um crescimento de novos casos. Para finalizar, o médico deixou a seguinte mensagem: apesar da pandemia, a vida continua, então esses pacientes precisam ser tratados da melhor maneira possível, respeitando as orientações da OMS e Ministério da Saúde.

Imagem: enviada e autorizada pelo entrevistado.

Bruno Fernando de Oliveira é aluno da Turma III de Medicina e responsável pela coluna: “A saúde na visão dos profissionais de Três Lagoas”.

ATUALIDADES EM SAÚDE

Avaliação de sintomas de estresse, depressivos e ansiosos em mulheres com filhos crianças e adolescentes durante a pandemia de Covid-19.

Caracterizada por incertezas e alta mobilização mundial, a pandemia de Covid-19 provocada pelo SARS-CoV-2 vem, há meses, alertando para a urgência na adoção de medidas profiláticas, visando evitar o contato com a doença, relacionada com alta taxa de transmissão. Podem ser citados como exemplos

de medidas o uso de máscaras de proteção respiratória, higienização das mãos, bem como o distanciamento e o isolamento sociais. Este último é capaz de implicar em impactos físicos e mentais à população, como sentimentos de angústia, tristeza e estresse.

Em contexto de pandemia da Covid-19, foi planejada e está sendo desenvolvida uma pesquisa que almeja avaliar a saúde mental de mulheres com filhos crianças e adolescentes durante o decorrer deste período. As consequências podem ainda ser maiores para grupos específicos, como as mulheres que têm filhos em casa, além de suas próprias atividades voltadas ao mercado de trabalho. Sendo assim, o público-alvo dessa pesquisa são mulheres com idade maior ou igual a 18 anos, com filhos crianças e adolescentes, residentes no Brasil. Espera-se que, com a conclusão da pesquisa, seja possível identificar sintomas de depressão, ansiedade e estresse nessas mulheres durante a pandemia, medindo o impacto desta, além de contribuir para o planejamento de estratégias de enfrentamento.

O projeto está em andamento, tendo começado dia 8 de agosto. A previsão é de que a coleta de dados dure dois meses. O projeto é coordenado pela professora do curso de Medicina do Campus de Três Lagoas, Tatiana Carvalho, além de ter a participação dos professores Bruna Moretti Luchesi, do mesmo curso, e Edirlei Machado dos Santos, do curso de Enfermagem. Também, participam os alunos Aline Martins Alves, Nayara Ribeiro Slompo, Guilherme Tosi Feitosa e Sergio Chociay Junior, todos graduandos em medicina.

Link para acessar o questionário do Projeto: <https://forms.gle/vpJ2CJbTB7E8Ba7Z9>.

Notícia da UFMS sobre o Projeto: [https://www.ufms.br/pesquisadores-avaliam-saude-mental-de-](https://www.ufms.br/pesquisadores-avaliam-saude-mental-de-maes-durante-a-pandemia/)

maes-durante-a-pandemia/.

Instagram

do

Projeto:

@saudementalufms.



Imagem: cedida e autorizada pela entrevistada.

Heitor Yuri Nogara é aluno da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Atualidades em saúde.

ATLÉTICA SOBERANA



A Associação Atlética Acadêmica Medicina Três lagoas (AAAMTL), a nossa querida Soberana, não para. Mesmo com as mudanças que o Covid-19 trouxe, as atividades da atlética continuam invadindo o cotidiano dos associados. Com o “novo normal” instaurado pela pandemia, a Soberana organizou, juntamente à Atlética Epidemia (AAANG), o primeiro campeonato de Gartic da Atlética, a “Copa Gartic Epiderana”. Com o sucesso desse campeonato e de outros já realizados, a

Soberana está pronta para alçar grandes voos.

E isso já tem data e hora marcada, porque o Jogos Regionais de Medicina – JOREM terá a sua quinta edição em um novo modelo: JOREM E-sports. A Soberana vem embalada com os bons desempenhos em campeonatos anteriores e é uma das grandes favoritas para esse ano. Os jogos irão ocorrer em quatro finais de semana, no período dos dias de 5 a 27 de setembro, e contarão com as seguintes modalidades: FIFA 20, League of Legends, CS:GO e VALORANT.

Por ser em uma dinâmica diferente, muitas coisas mudaram. A quadra foi substituída pelo PC, o tênis pelo mouse, mas algo que não muda são os treinamentos, dedicação e determinação de nossos atletas. Nosso atleta de E-sports e diretor de esportes da Soberana, Matheus Redigolo, fala mais sobre sua experiência em relação à preparativa para os jogos e da sua experiência na atlética: “Falar da Soberana, na maioria das vezes, é uma antítese: uma atlética pequena, mas com uma história tão gigante!

Aos poucos vamos

conquistando um espaço cada vez maior dentro do Mato Grosso do Sul e de todo o Centro-Oeste graças ao esforço, dedicação e muita raça dos nossos atletas dentro e fora das quadras vestindo nosso manto vinho e branco. A máxima ‘Se não ganhar no talento, ganhe no esforço’ nunca foi tão real quando se trata da soberana e de seus atletas, somos movidos diariamente por frases como essas e colhemos os frutos com várias conquistas e medalhas nos jogos. Esse ano, apesar de atípico, ainda teremos pela frente mais um jogo, o E-JOREM, e precisamos mais do que nunca de

Copa Gartic EPIDERANA	
CLASSIFICAÇÃO:	
1º: LEONAN DE OLIVEIRA	599 PONTOS
2º: RAI AGUILERA	599 PONTOS
3º: VICTOR ARRUDA	598 PONTOS
DESEMPATE	MEDIANA DOS PONTOS
MÉDIA POR JOGADOR	355,11
NÚMERO DE JOGADORES	18
1º: GYOVANNA ARAUJO	574 PONTOS
2º: MARINA TAKAHARA	563 PONTOS
3º: RAFAELLA RABELO	561 PONTOS
MÉDIA POR JOGADOR	406,15
NÚMERO DE JOGADORES	32
OBRIGADA A TODOS QUE PARTICIPARAM!	
PARABÉNS AOS GANHADORES!	

participação e apoio de todos os atletas e associados que são loucos por nossas cores vinho e branco. Com muito treino e suor, juntos, escreveremos mais um capítulo dessa linda e gigante história da maior atlética do Mato Grosso do Sul e do Centro-Oeste!”.

Outro atleta de E-sports e também diretor geral da Soberana, Luís Guilherme, mostra suas expectativas para a competição que se inicia no próximo final de semana: “A AAAMTL entra pra ganhar sempre e nessa competição não será diferente! Em todas as 4 modalidades nossos times estão bem preparados e bem treinados para buscar o título do JOREM E-Sports; nunca foi fácil, sempre foi Soberana. Segura que foguete não tem ré, pra cima deles, Que Ota?”.

Além dos jogos adotarem as tecnologias de comunicação para sua ocorrência, a Bateria Manada também voltou a aderir as reuniões à distância, a fim de promover a integração entre os antigos e novos ritmistas. O encontro foi realizado no sábado 29 de agosto, e contou com a participação de 28 integrantes da bateria, dos quais metade já faziam parte e a outra metade é composta por pessoas que irão começar a integrar esse time.

A reunião contou com a apresentação dos integrantes, o instrumento tocado ou almejado por cada um, bem como gincanas

e jogos valendo premiação para os vencedores. É importante ressaltar que essa reunião marca o retorno da Bateria Manada à ativa, a qual pretende investir na formação teórica para chegar às competições de 2021 o mais bem preparada possível, visando alcançar o primeiro lugar no JOREM 2021, competição na qual a bateria se apresenta já há três anos, mas foi inviabilizada em 2020 por conta da pandemia da COVID-19.



Imagens: cedidas e autorizadas pela presidente da Atlética.

Leonardo Siqueira Aprile Pires é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela coluna da Atlética Soberana. O texto foi enviado pela presidente da Atlética, Rayanne Donato.

CENTRO ACADÊMICO

O que é a DENEM?

Nessa edição do Jornal, decidimos trazer na coluna do CAMDPO um pouco sobre a DENEM, afinal, você já ouvir falar e sabe o que é?

A Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) é a entidade civil que representa em todos os âmbitos os estudantes de medicina de todo o Brasil, individual, coletiva e até judicialmente e foi criada em uma assembleia estudantil em 1986 em um Encontro Científico dos Estudantes de Medicina (ECEM). Você é parte da DENEM a partir do momento em que se matriculou em uma escola médica, independente se ela é pública ou privada, até o momento em que você se forma (alguns dizem até que a DENEM nunca deixa de fazer parte de você).

A DENEM é uma entidade fluida que se reinventa e se revisa todos os anos, mas inerentemente a ela defende um Estado do Direito; a vida e saúde; um ensino público, gratuito, de qualidade e universal; um ensino médico voltado às reais necessidades coletivas; uma sociedade sem opressões, com equidade; e finalmente um Sistema Único de Saúde (SUS) público, gratuito e de qualidade. É importante ressaltar que a DENEM é suprapartidária e tem uma rígida política de financiamento e patrocínio, mas isso não impede que os estudantes que a compõem sejam filiados a partidos, outras entidades, movimentos ou juventudes partidárias. Como toda entidade democrática, a DENEM é cenário de disputa todos os dias não se posicionando fixamente em um espectro político.

Além da função representativa, a DENEM organiza eventos e fóruns do Movimento Estudantil de Medicina (MEM), promove campanhas, realiza os intercâmbios e estágios nacionais e internacionais, fornece subsídio e apoio às iniciativas do MEM

locais e regionais, se relaciona com outras entidades e movimentos sociais e políticos. Ou seja, é o meio que os estudantes de medicina do Brasil têm para se organizar e lutar pelos seus interesses a nível local e nacional.

Já foram muitos os momentos nos quais a participação da executiva foi decisiva para a realização de debates aprofundados e relevantes à vida do estudante de medicina. A participação na 8ª Conferência Nacional de Saúde, que culminou na criação do SUS; a participação na CINAEM (Comissão Interinstitucional de Avaliação da Educação Médica) que gerou as diretrizes curriculares para os cursos de medicina em 2001 e a participação na construção das novas Diretrizes Curriculares Nacionais em 2014 são exemplos de como a DENEM atuou de forma efetiva para a mudança social ao longo de seus mais de 30 anos de história.

Apesar de estruturar-se organicamente através de coordenações, a DENEM essencialmente é formada por todo e qualquer estudante de medicina, seja de forma presencial e individual ou representado pelo seu Centro/Diretório Acadêmico. A organização dela, de forma resumida e superficial, dá-se da seguinte forma:

1. **Sede Nacional:** Coordenador geral, coordenador de finanças, coordenador de comunicação
2. **Coordenações regionais:** Responsáveis por estar em contato com os Centros/Diretórios Acadêmicos
3. **Assessorias:** Planejamento, Registro e resgate histórico, Mídias
4. **CREX (Coordenação de relações exteriores)**

5. **CENEPES:** Coordenação de políticas educacionais, coordenação de políticas de saúde, coordenação de estágios e vivências, coordenação do Meio Ambiente, coordenação de extensão universitária, coordenação científica, coordenação de cultura, coordenação de educação em saúde

E aí, se interessou?! Por hoje é isso, mas nos vemos em próximas edições do Jornal! Para mais informações siga @denembr no instagram.

Leonardo Siqueira Aprile Pires é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela coluna do Centro Acadêmico de Medicina Dercir Pedro de Oliveira (CAMDPO). O texto foi enviado pelo Igor de Almeida Balduino Leite, aluno do curso de Medicina da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e coordenador regional do centro-oeste da DENEM.

LIGAS ACADÊMICAS

Liga Acadêmica de Anestesiologia e Dor (LAAD)



A Liga Acadêmica de Anestesiologia e Dor (LAAD) propõe ampliar o estudo em anestesiologia, reforçar os conhecimentos básicos nessa especialidade e oferecer capacitação para o desenvolvimento de novas habilidades básicas, respeitando os princípios éticos

e de integralidade, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde.

A LAAD tem como princípio a multidisciplinariedade, contando com aulas teóricas, estudos de caso e discussões com profissionais de saúde, relacionando conteúdos já ministrados nos outros eixos do curso. Além disso, busca-se atividades complementares nos diversos âmbitos da saúde para melhor formação acadêmica.

Foi fundada em outubro de 2019 por acadêmicos do curso de Medicina bem como pelo professor e então coordenador Carlos Eduardo Macedo com apoio do anestesista Ulisses Pinto Ferreira. Hoje conta com o apoio dos docentes Julie Massayo Maeda Oda e Lucas Gazarini. Com o intuito de agregar conhecimento, a liga realiza aulas quinzenais aberta ao público, discussões de caso com professores e profissionais convidados e práticas no centro cirúrgico em um Hospital da cidade.

Em meio a situação atual de pandemia, a LAAD está realizando de forma remota, uma capacitação básica em Anestesiologia, com aulas quinzenais sobre temas já estabelecidos. Para se inscrever basta acessar o link no Instagram da Liga (@laad.cptl).

Além disso, a LAAD está preparando o seu primeiro simpósio, que será nos dias 02 e 03 de outubro de 2020, também de maneira on-line. Assuntos muito pertinentes e atuais estarão em discussão no evento. Para ficar por dentro de tudo que a LAAD está criando, siga a página no Instagram e o canal no Youtube.

Liga Acadêmica de Gastroenterologia e Cirurgia do Aparelho Digestivo (LAGCAD)

A Liga Acadêmica de Gastroenterologia e Cirurgia do Aparelho Digestivo (LAGCAD) foi fundada e aprovada no dia 30 de agosto de 2019, sendo composta por alunos das turmas 3 e 4 interessados em aprimorar o conhecimento acerca da especialidade por meio de projetos de extensão, ensino e pesquisa dentro da temática. Mesmo com pouco tempo de atuação, com a coordenação realizada pelo Prof. Thiago Bosch Viana e colaboração do Prof. Dr. André Valério da Silva, a LAGCAD realiza aulas abertas, práticas sobre gastroenterologia e pesquisas abordando assuntos do aparelho digestório.

Além disso, nos dias 01 e 02 de setembro foi realizado o 1º Simpósio de Obesidade e Metabolologia da UFMS-CPTL, organizado pela LAGCAD em conjunto com a LAEM. Também somos filiados à Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas de Cirurgia (ABLAC-MS). O processo seletivo será realizado no início de outubro de 2020, abrindo novas vagas para acadêmicos a partir do 5º período, aguardamos todos vocês para fazer parte da nossa equipe. Para maiores informações nos acompanhem pelo Instagram (@lagcad.ufms).



Calendário de eventos das Ligas Acadêmicas

MÊS	DIA	EVENTO
Set	8	Discussão de casos LANN: Encefalites virais
	14	Aula aberta LANN: Crises convulsivas na infância
	24, 25 e 26	I Simpósio de Histologia e Embriologia Clínica
	16	Aula aberta LAAD: Reposição volêmica e transfusão
	28	Aula aberta LANN: Formação reticular do Tronco Encefálico
	30	Aula aberta LAAD: Hemostasia e anticoagulação
Out	2 e 3	I Simpósio da Liga Acadêmica de Anestesiologia e Dor
	5 a 9	I Simpósio Internacional de Saúde da Família e Comunidade
	22 e 23	III Simpósio da Liga de Neurologia e Neurociências

Leonan José de Oliveira e Silva é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela coluna das Ligas Acadêmicas.

FLASHES DA MED: O QUE ACONTECE DE MAIS IMPORTANTE!

Mobilização social inicia-se em Três Lagoas

Você sabe a importância da doação de medula óssea? O Hemosul de Campo Grande (Hemocentro Coordenador de Mato Grosso do Sul) realizou a Semana Estadual de Incentivo à Doação de Sangue e Medula Óssea no mês de agosto. A iniciativa é um evento oficial do Estado e visa à conscientização para a importância desse ato, com o intuito de fomentar essa atitude de doação. Foi realizada uma campanha de divulgação pelo CAMDPO (Centro Acadêmico de Medicina 'Dercir Pedro de Oliveira' da UFMS Campus Três Lagoas) para destacar a relevância desse ato solidário. A necessidade de receber uma doação de medula é um desafio frequente e mais próximo do que se pode imaginar. Portanto, seja um doador e divulgue esse ato. Procure o hemocentro do seu Estado e agende uma consulta de esclarecimento sobre esse tipo de doação. A unidade do Hemosul em Três Lagoas localiza-se na Rua Manoel Rodrigues Artez, 520, Colinos. Fone: (67) 3522-7959. Para mais informações acesse: <http://www.hemosul.ms.gov.br/horario-de-funcionamento-2/>.

Previsão de início para o internato

O início das atividades do internato para a turma III do curso de Medicina da UFMS Campus Três Lagoas está previsto para 20 de novembro deste ano. Em declaração acerca das expectativas da classe, Caroline Rezende Lima, uma das representantes da turma III, afirmou que: "Em meio a toda essa situação vivida no ano de 2020, o internato continua sendo um momento muito esperado na

nossa formação, sendo o último ciclo da graduação. A ansiedade se faz muito presente e as inseguranças são grandes, mas as expectativas são maiores ainda, pois sabemos que temos base para fazermos um ótimo trabalho e possuímos a vantagem de poder contar com docentes e preceptores excelentes para a nossa formação."

Obras do Hospital Regional de Três Lagoas

A obra de construção do Hospital Regional de Três Lagoas está sendo finalizada. O hospital poderá ser útil no combate do COVID-19. Ele irá atender a população de Três Lagoas e região, estando em um terreno de 26.466,28m², no qual conta com a presença de blocos setorizados e anexos. Estima-se que o hospital irá atender pacientes de alta e média complexidade, sendo referência em saúde para toda costa leste de Mato Grosso do Sul. A estrutura possui leitos, centro cirúrgico, auditório, ambulatórios, salas de aula, área técnica de equipamentos, sendo oferecidos serviços de urgência e emergência, tomografia, ressonância magnética, ultrassonografia, entre outros. Ademais, poderá servir como núcleo de ensino e pesquisa para os alunos dos cursos da área da saúde da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). A data para inauguração ainda não foi informada pelo governo do Estado.

Maria Cecília Gonçalves Martins é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna "Flashes da Med".

MATÉRIA DE CAPA

Racismo: o filho saudável da colonização

A hierarquização de brancos sobre os não-brancos afetou (e ainda afeta) a vida de milhares de pessoas pelo mundo. Mas qual o nosso papel nessa história?

Século XV, o início das Grandes Navegações e do conhecimento de novos povos pelos europeus. Sedentos pela hegemonia, buscavam justificativas para dominar as outras "raças" não-brancas espalhadas pelos continentes. Nesse contexto, surge o conceito de racismo, uma construção histórica, social e cultural que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos (FRANCISCO JÚNIOR, 2008). Desde então, a filosofia, a cultura e até mesmo a ciência já foram usadas numa tentativa desprezível de justificar tal hierarquia. Por conseguinte, essa estrutura deixou (e ainda deixa) feridas na alteridade em diversos níveis da vida social.

Durante a colonização das terras brasileiras, movidos pelo poder econômico, os invasores realizaram o que ficou marcado como um dos maiores atos de desumanização da história: a escravidão. O tráfico de escravos foi responsável pelo arrebatamento de

milhões de homens e mulheres africanos para serem escravizados na América (LEITE, 2017). Depois de um processo de abolição da escravidão pautado muito mais no simbolismo e diplomacia do que no bem-estar dos indivíduos, sobrou a esses as periferias urbanas e sociais.

Esse fato contribuiu de maneira tão profunda para o racismo brasileiro que seus reflexos podem ser vistos até os dias atuais: a população negra é a principal vítima de violência (75% dos mortos pela polícia são negros), possui menos acesso à educação (o analfabetismo entre negros é quase três vezes maior que entre brancos) e mais dificuldade empregatícia (desemprego entre negros é 71% maior do que entre brancos). Os dados são da Rede de Observatórios da Segurança e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ainda hoje, 138 anos da Lei Áurea de abolição da escravatura, 72 anos

de Declaração Universal dos Direitos Humanos e 32 anos de Constituição Federal, sendo que os dois últimos dispõem sobre a igualdade racial, casos de racismo continuam ocorrendo pelo mundo afora. Nos Estados Unidos, o assassinato de George Floyd por um policial alavancou o movimento Black Lives Matter (BLM), que nasceu em 2013 após o assassinato do jovem negro Trayvon Martin ser absolvido pela justiça. O BLM é "uma intervenção política e ideológica contra a brutalidade sofrida pelas vidas negras, que são sistemática e intencionalmente desaparecidas", segundo o site do movimento. Nos últimos dias, atletas e figuras importantes se uniram aos protestos antirracistas por meio de boicotes e paralisações, exigindo que medidas sejam tomadas.

Nesse sentido, faz-se importantíssimo investigar as disparidades raciais no Brasil nas mais diversas

dimensões de vida social, inclusive na saúde. É necessário reconhecer as diferenças para a elaboração de políticas de saúde eficientes (BATISTA; BARROS, 2017) e para combater posturas desiguais dos profissionais na prática médica. Um estudo recente constatou que mulheres pretas e pardas apresentaram piores indicadores de atenção pré-natal e atenção ao parto, quando comparadas com as brancas (LEAL *et al.*, 2017). Outro ponto que explicita ainda mais os impactos dessa desigualdade é o fato de haver menor aplicação de analgesia para os grupos

étnicos mais discriminados – constatação verificada tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Isso pode estar relacionado na errônea percepção de diferenças biológicas intrínsecas entre esses grupos de pessoas, associando pessoas negras como mais resistentes à dor. Esse é um exemplo de “racismo implícito” (ALVES *et al.*, 2020) dentro do contexto da saúde que merece ganhar um espaço de reflexão.

Consoante a isso, tal reflexão não deve ficar apenas no campo teórico. Artigos e textos de nada servem se não nos

causarem, além da reflexão, mudanças verdadeiras nos atos cotidianos. Porém, reconhecer que o racismo existe é o primeiro passo para seu verdadeiro combate. Desse modo, buscamos atingir não somente os princípios de igualdade e equidade do Sistema Único de Saúde (SUS), mas os valores da dignidade humana que, em alguns momentos da história, foram deixados de lado. Relembrar para jamais repetir.

Leonan José de Oliveira e Silva é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela matéria de capa do jornal.

CAMPANHA PARA A ESCOLHA DO NOME DO JORNAL

A Campanha para Escolha do Nome do Jornal chegou ao fim, após 3 semanas de votações, contando com a participação de mais de 80 pessoas. Agradecemos a todos aqueles que participaram sugerindo nomes e votando. A participação de vocês, leitores, é fundamental para a construção do nosso jornal.

O novo nome, escolhido por 46,4% dos participantes da campanha, é **ComuniCAMDPO**. A preferência predominante dentre outras 4 opções (*O Esculápio*, *A Sístole*, *Medicina em Foco- Três Lagoas* e *CAMDPO NEWS*) certamente está relacionada a sua originalidade e inteligência, uma vez que é uma fusão da palavra “comunicar” com nome do nosso centro acadêmico.

ComuniCAMDPO foi sugerido pela aluna de medicina da turma VI, **Maria Cecília Gonçalves Martins**, que levará para casa não apenas o prêmio simbólico de ser a autora do nome do nosso jornal, como também um boné do CAMDPO e um tirante da Atlética Soberana. Atualmente, Maria Cecília é uma das editoras do jornal, embora no início da campanha para a escolha do nome fosse apenas leitora. Já vemos que ela veio para acrescentar muito ao nosso jornal.

Em entrevista, Maria Cecília disse que sempre teve uma enorme vontade de fazer parte do jornal, e quando viu que poderia participar com a sugestão de um nome, ficou animada e se empenhou nisso. Ela disse que a ideia do nome surgiu quando, ao ler outros jornais e revistas, percebeu que a comunicação era o objetivo final de todos eles. Dessa forma, fez um jogo de palavras unindo essas ideias e, felizmente, sua sugestão agradou à grande maioria dos leitores. Para ela, a inspiração deriva de um momento de criatividade, cujo motivo maior foi a tentativa de contribuir para o crescimento do jornal.